Commentarium, vol. 2 (2026), pp. 247-252
https://doi.org/10.34640/cjhs2_2026_96

Commentarium
JOURNAL OF HUMANITIES STUDIES
CJHS

CRITICAL REVIEW

Benjamin Hildenbrand, *Michel Houellebecq, de l'espoir utopique au désespoir dystopique. Entre quête d'immortalité et quête sexuelle*. Paris: L'Harmattan, 2023. Pp. 173. ISBN 978-2-336-41266-5.

Maria Cabral

Universidade de Aveiro
https://orcid.org/0000-0002-0736-3846

Da esperança impossível, ou da distopia como destino da utopia. Poderia formular-se assim o eixo do estudo de Benjamin Hildenbrand, resultante de uma investigação de doutoramento e dedicado às diversas configurações do pensamento utópico e distópico na obra de Michel Houellebecq. Ao longo de 158 páginas de texto, o autor percorre os romances publicados entre *Extension du domaine de la lutte* e *Sérotonine*, sem descurar a poesia, os ensaios, os textos breves, as adaptações cinematográficas e algumas intervenções extraliterárias. A ambição é simultaneamente inventarial e interpretativa: "relever tous les types d'utopie/dystopie visibles dans les romans houellebecquiens" (p. 10), agrupá-los tematicamente e demonstrar que a procura do bonheur se converte sistematicamente no seu contrário. A tese é anunciada, desde a introdução, sob a forma de uma pergunta que contém já a resposta: "comment et pourquoi l'utopie houellebecquienne n'existe pas et ne laisse-t-elle place qu'à la dystopie ?" (p. 11). Entre a superação biotecnológica da espécie e o efémero êxtase sexual, Hildenbrand reconhece, com pertinência, duas modalidades de uma mesma aspiração, a de abolir os limites constitutivos da condição humana: a morte, o envelhecimento, a solidão e a impossibilidade de uma felicidade duradoura.

O primeiro capítulo procura delimitar o campo conceptual e reconstruir a constelação intertextual de Houellebecq. Utopia e distopia são reduzidas, numa primeira aproximação, à oposição entre bonheur e malheur: "l'utopie cherche avant tout à provoquer le bonheur" e "la dystopie tend avant tout à provoquer le malheur" (p. 13). A clareza operatória desta definição facilita o percurso posterior, mas a simplificação tem custos teóricos. A utopia não se

* **CONTACT Maria Cabral** Email: mjcabral@ua.pt

© 2026 The Author(s). Published by *Commentarium: Journal of Humanities Studies*. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), which permits non-commercial re-use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited, and is not altered, transformed, or built upon in any way. The terms on which this article has been published allow the posting of the Accepted Manuscript in a repository by the author(s) or with their consent.

confunde necessariamente com a realização da felicidade, podendo constituir um dispositivo crítico, uma forma textual, uma hipótese antropológica ou uma organização coerciva apresentada como perfeita; também a distopia não é apenas o lugar do sofrimento, mas a exposição crítica das estruturas que produzem, administram ou dissimulam esse sofrimento. A equiparação de "anti-utopie", "contre-utopie" e "dystopie" como "synonymes exacts" (p. 14) elide distinções debatidas pelos estudos do género e condiciona antecipadamente a classificação binária dos romances. Ora, a própria leitura de Hildenbrand mostrará que, em Houellebecq, utopia e distopia menos se excluem do que se contaminam. Teria sido por isso fecundo transformar essa instabilidade, não numa dificuldade a resolver pela escolha de um dos termos, mas no próprio núcleo teórico do livro.

Mais consistente é a cartografia intertextual traçada a partir de Schopenhauer, Auguste Comte, Lovecraft, Aldous Huxley e Clifford D. Simak. O autor identifica na substituição positivista de Deus pela Humanidade uma matriz da religião biotecnológica dos romances: aquilo que Comte não pôde realizar, a técnica poderia consegui-lo mediante "l'établissement de l'immortalité physique" (p. 15). A articulação entre positivismo, ciência, religião e clonagem permite compreender que a utopia houellebecquiana não nasce de uma fé ingénua no progresso, mas do desespero perante a finitude. Igualmente elucidativa é a aproximação a Lovecraft, para quem, como para Houellebecq, a ficção científica funciona como "échappatoire à la réalité quotidienne" e, sobretudo, como "critique du présent" (p. 16). Já em Huxley, Hildenbrand encontra tanto a antecipação da humanidade geneticamente modificada como uma possível autodefesa de Houellebecq contra as acusações de indigência estilística: a crítica feita a *Le Meilleur des mondes* — "phrases [...] lourdes", personagens "insipides et mécaniques" — pesaria pouco perante "la justesse de son intuition de départ" (pp. 18-19). A hipótese é estimulante, embora o comentário "fin de l'argumentation" (p. 19) revele uma tendência recorrente do ensaio: converter uma sugestão interpretativa plausível numa conclusão excessivamente fechada.

A noção de "autointertextualité" ou "intratextualité" (p. 22) abre uma das vias mais produtivas do volume. Da carta Michelin, disseminada entre *Extension*, *La Possibilité d'une île*, o filme *La Rivière* e *La Carte et le territoire*, ao "récit de vie" que aproxima *Plateforme*, *La Possibilité* e *Sérotonine* (p. 24), Hildenbrand mostra quanto a obra houellebecquiana se escreve por repetição, deslocação e reformulação. Particularmente interessante é a análise do filme *Extension du domaine de la lutte*, que integra passagens de *H. P. Lovecraft. Contre le monde, contre la vie* e de *Approches du désarroi*, tornando-se "bien plus qu'une adaptation d'*Extension*", antes uma adaptação da obra produzida até cerca de 1998 (p. 26). Estas incursões pelo cinema e pela poesia não são ornamentais: ampliam o *corpus* e sustentam a ideia de uma obra em circuito interno, na qual imagens, fórmulas e cenários transitam de um suporte para outro. Faltaria, porém, interrogar mais sistematicamente o efeito dessas retomadas. Nem toda a recorrência constitui por si mesma autointertextualidade

significativa; seria necessário distinguir a obsessão temática, a reutilização textual, a autocitação, a adaptação intermedial e a construção consciente de uma coerência de obra.

O segundo capítulo, núcleo mais sólido do livro, concentra-se em *Les Particules élémentaires* e *La Possibilité d'une île*, definidos como "romans à thèse". Com apoio em Susan Rubin Suleiman, Hildenbrand sublinha o realismo, a precisão cronológica, a presença de referências socioculturais e o discurso científico dos dois romances. A análise da voz narrativa de *Les Particules* é particularmente atenta: o "nous" do prólogo, inicialmente enigmático, adquire sentido retrospetivo quando o narrador se revela membro da espécie neo-humana. A passagem de uma narração extradiegética-heterodiegética a uma narração homodiegética (p. 39) prepara gradualmente a revelação final, até à frase: "Ce livre est dédié à l'homme" (p. 41). O leitor descobre então que não ocupa a posição soberana de quem contempla uma espécie futura: tornou-se objeto arqueológico do olhar dessa espécie. A recolha dos indícios disseminados pelo romance e a observação da sua gradação constituem um contributo efetivo, mostrando como a tese biológica é também um dispositivo narrativo e não apenas matéria ideológica.

Menos convincente é a necessidade de decidir se *Les Particules* é "mais" utopia ou distopia. Depois de reconhecer que "il ne peut exister de position limpide" e que existe em toda a utopia um elemento distópico, e inversamente (p. 52), o autor opta por uma resposta clara: a substituição da humanidade seria predominantemente utópica porque é consciente, voluntária e produz uma espécie liberta do egoísmo, da crueldade e da cólera. "La fin de l'humanité nous apparaît donc plus comme utopique, que dystopique" (p. 55). Contudo, o consentimento coletivo narrado no epílogo não elimina o carácter problemático da extinção; tampouco a declaração de felicidade dos neo-humanos garante que o texto a ratifique sem ironia. A ausência de desejo, diferenciação sexual, filiação e historicidade pode ser lida como cura da dor, mas também como supressão daquilo que tornava possível o humano. A força do romance reside precisamente nessa indecidibilidade. Ao pretender estabilizá-la, Hildenbrand reduz a tensão que a sua própria análise tão bem evidencia.

La Possibilité d'une île surge como desenvolvimento e correção sombria da tese anterior. A nova humanidade já não realiza plenamente a promessa de felicidade: os clones vivem isolados, regulados por uma doutrina, privados do contacto corporal e dependentes dos relatos dos seus antecessores. A imortalidade serial conserva a memória individual, mas não vence a solidão nem o desejo. O percurso de Daniel25 demonstra que o paraíso técnico é habitado pela falta; a saída do enclave neo-humano em busca da ilha anunciada pelo poema reabre a experiência da mortalidade. Assim, se em *Les Particules* a humanidade aceita o seu "propre dépassement" (pp. 54-55), em *La Possibilité* o resultado desse ultrapassamento revela-se distópico. É nesta leitura continuada dos dois romances, concebidos não como sequela narrativa, mas como fases de uma hipótese antropológica, que o livro encontra a sua melhor coerência. Mais do que passar simplesmente "de l'utopie à

la dystopie", Houellebecq parece testar a impossibilidade de separar a felicidade da vulnerabilidade que se pretendia abolir.

As "autres formes d'utopie/dystopie" alargam o estudo ao epílogo de *La Carte et le territoire*, à utopia artística inscrita em *La Possibilité* e à transformação política de *Soumission*. Em *La Carte*, Hildenbrand distingue uma utopia socioeconómica, assente na conversão da França em território turístico e patrimonial, e uma utopia vegetal, visível nas últimas obras de Jed Martin, nas quais os produtos industriais são submersos pela proliferação orgânica. A distinção é pertinente, embora estas secções, comparativamente breves, não atinjam a espessura analítica concedida aos dois romances centrais. Em *Soumission*, a questão "utopie ou dystopie politique ?" é examinada a partir da ambiguidade do ponto de vista de François: a nova ordem islâmica estabiliza a sociedade e oferece ao protagonista carreira, prestígio e mulheres, mas assenta na exclusão feminina do espaço público e na submissão intelectual. A hesitação classificatória é aqui particularmente produtiva, pois a aparente utopia masculina coincide com a distopia das mulheres. Teria sido importante prolongar esta assimetria e questionar a quem pertence o bonheur usado como critério: à sociedade, ao narrador, ao homem ocidental desiludido ou aos sujeitos silenciados pelo novo regime?

O terceiro capítulo, dedicado à "euphorie/dysphorie sexuelle", procura demonstrar que a sexualidade constitui outra modalidade de utopia e distopia. A teoria dos mundos possíveis de Lubomír Doležel é convocada para distinguir norma e desvio, após o que o estudo percorre o turismo sexual de *Plateforme*, as *performances* dos casais, a disponibilidade das personagens femininas, a prostituição, a masturbação, o amor e a "petite mort". A tese central é clara: o sexo proporciona experiências eufóricas intensas, mas incapazes de se prolongarem; a perda, o envelhecimento, a separação ou a morte convertem-nas em disforia. Em *Plateforme*, o projeto de turismo sexual parece conciliar oferta e procura no mercado global, mas o atentado que mata Valérie destrói simultaneamente a empresa e a possibilidade amorosa. A utopia liberal do prazer revela, assim, a violência económica, política e afetiva sobre a qual se erguia.

Hildenbrand leva a inventariação a um grau raro, contabilizando relações sexuais, masturbações, êxitos e fracassos em quadros distribuídos pelas últimas secções. Esta minúcia produz resultados úteis: permite comparar romances, detetar a progressiva rarefação sexual e sustentar empiricamente a passagem da euforia à disforia. Contudo, o método quantitativo ameaça por vezes transformar a leitura literária numa contabilidade de atos, nivelando cenas de estatuto narrativo e simbólico muito distinto. A repetição de categorias como "réussite" e "échec" pressupõe ainda uma definição predominantemente fisiológica e masculina do sucesso sexual. A secção sobre "des femmes ouvertes à tout ou presque" (p. 114) reclamaria maior distância crítica perante o imaginário dos narradores houellebecquianos: importa distinguir o discurso da obra, a fantasia masculina das personagens e a posição do autor, em vez de tomar a disponibilidade sexual feminina como

simples dado do mundo ficcional. Neste ponto, a análise de género teria permitido complexificar a relação entre desejo, poder, mercado e desigualdade, sobretudo porque o próprio livro conclui que "seule la femme" faz nascer a esperança, mas também a faz morrer (p. 154). Formulada assim, a mulher corre o risco de permanecer função salvífica ou destrutiva na trajetória masculina, não sujeito pleno da utopia que se examina.

Também o amor, relegado para a pergunta coloquial "Et l'amour dans tout ça ?" (p. 130), poderia ter ocupado posição mais matricial. A obra de Houellebecq distingue incessantemente a circulação liberal dos corpos e a exceção amorosa, o prazer repetível e a ligação insubstituível. Não é apenas porque a euforia sexual termina que a utopia se torna distopia; é porque a felicidade depende de uma alteridade singular que nenhum mercado, clonagem ou dispositivo técnico consegue garantir. A imortalidade e o sexo, anunciados no subtítulo como duas "quêtes", encontram-se precisamente aqui: ambas procuram neutralizar a contingência, mas ambas fracassam perante a singularidade do corpo amado e a irreversibilidade da perda. Esta articulação está presente no livro, mas dispersa, quando poderia constituir a sua chave antropológica mais forte.

O discurso crítico de Hildenbrand é geralmente claro, documentado e atento ao texto, mas acusa por vezes formulações demasiado assertivas e um tom polémico pouco compatível com a prudência demonstrativa. A propósito de Philippe Forest, afirma ser "visible qu'il n'a pas compris le roman" e recomenda-lhe "humblement, une relecture apaisée" (p. 31); perante Nancy Huston, sugere que se poderia "choisir de ne plus écrire sur ces auteurs" (pp. 34-35). Mais do que refutar os argumentos adversos, estas respostas personalizam a divergência e encerram prematuramente o debate. São igualmente frequentes expressões como "fin du débat" ou "fin de l'argumentation" (pp. 23; 19), quando os problemas examinados – ambiguidade, ironia, autoria, relação entre vida e obra — pediriam precisamente manutenção do dissenso. Algumas incorreções sintáticas, como "nous ne sommes alors plus vierge" (p. 42) ou "comme étudiée précédemment" (p. 43), a recorrência de fórmulas expositivas e certas conclusões perentórias, como "fin de l'argumentation" (p. 19) e "fin du débat" (p. 23), revelam marcas da redação de tese que uma revisão editorial mais exigente poderia ter atenuado. A exclusão de *anéantir*, publicado durante a finalização do trabalho (p. 10), é compreensível do ponto de vista cronológico, mas significativa num livro editado em 2023: o romance teria ampliado decisivamente a reflexão sobre doença, morte, vínculo conjugal e possibilidade de reconciliação, testando a conclusão de que o *malheur* é sempre a "issue inévitable" (p. 154). Também a opção de explicar extensamente os enredos e classificar cada configuração como utópica ou distópica ocupa espaço que poderia ter sido usado para aprofundar a forma literária: ironia, focalização, montagem de discursos científicos, temporalidade, estilo e não fiabilidade narrativa. O estudo é mais forte quando lê os mecanismos textuais, como os indícios e a voz neo-humana em *Les Particules*, do que quando se limita a determinar se uma sociedade ficcional produz felicidade ou infelicidade.

Reconhecendo embora que a oposição inicial entre utopia e distopia se revela demasiado rígida para a ambivalência houellebecquiana, é justo salientar o mérito de um trabalho que reúne materiais dispersos, cruza romances, poemas, ensaios e filmes e ilumina a continuidade subterrânea de uma obra marcada pela repetição e pela reformulação. Hildenbrand demonstra com eficácia que a esperança não está ausente de Houellebecq: surge na ciência, na religião, no amor, no sexo, na arte e até no mercado. O seu carácter distópico decorre menos de uma inexistência absoluta do *bonheur* do que da impossibilidade de o fixar sem destruir as condições que o tornam humano. A técnica vence a morte, mas esvazia o desejo; o sexo suspende a solidão, mas não impede a perda; a ordem política estabiliza a sociedade, mas exige submissão; a utopia realiza-se sempre mediante uma amputação. É por ter percorrido, com tenacidade e abundante apoio textual, esta passagem "de l'espoir utopique au désespoir dystopique" que o ensaio de Benjamin Hildenbrand constitui um contributo útil para os estudos houellebecquianos — ainda que a obra de Houellebecq, mais ambígua do que as categorias que procuram encerrá-la, persista em deixar aberta a *possibilidade de uma ilha*.